

Mulher do Pai

A fronteira entre Brasil e Uruguai não está retratada só como cenário desta coprodução dos dois países, mas também se traduz na tela nas escolhas narrativas minimalistas e estética de forte influência do cinema latino que Cristiane Oliveira traz em seu primeiro longa-metragem. Assinada por Heloísa Passos, a fotografia de planos estáticos inunda-se pela neblina que torna discreto o verde dos pampas, em uma paleta dessaturada, assim como a direção segura em seu foco restrito. E justamente nas duas categorias, o filme gaúcho **Mulher do Pai** (2016) sagrou-se vencedor no Festival do Rio, além do prêmio de Melhor Atriz Coadjuvante para a uruguaia Verónica Perrotta, ótima na pele da professora que serve de ponto de encontro e conflito entre pai e filha afastados em uma pequena vila no interior do Rio Grande do Sul.

A morte de Olga (Amélia Bittencourt), que criou com todos os cuidados o filho, Ruben (Marat Descartes sempre construindo personagens envolventes), desde que este ficou cego em sua juventude, e sua neta órfã de mãe, Nalu (uma contida, no bom sentido, Maria Galant), faz com que ambos passem a olhar um para o outro, verdadeiramente. O pai que, em sua cegueira também metafórica – aliás, Oliveira coloca um deficiente visual em destaque, assim como fez em seu premiado curta **Messalina** (2004) –, antes enxergava sua filha como uma menina que tinha de estar sempre ali à sua disposição para fazer suas vontades, passa a vê-la como uma mulher que desabrocha para a vida. A garota também passa a desconstruir a imagem paterna austera dele, enquanto se encanta por um rapaz uruguaio e a possibilidade de sair do vilarejo.

Reconciliação e ciúme surgem, então, quando a uruguaia Rosario, professora de artes dela, entra como novo elemento desta dinâmica familiar em transformação, cuja tensão erótica é construída de forma instigante e plausível por Cristiane. Reforçando uma tendência do cinema nacional contemporâneo em olhar para os nossos jovens, antes negligenciados, a diretora traz a adolescência como este momento de descoberta, de identidade e também sexual, com um bem-vindo viés feminino. O ritmo mais lento da narrativa demonstra uma paciência que condiz com o cenário e a proposta de acompanhar a evolução dos sentimentos nos personagens, que importa mais à direção sem grandes arroubos da gaúcha do que a trama, que em si é cotidianamente simples.

ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA - FREI CANECA 5 30/10/16 - 15:00 - Sessão: 945 (Domingo)